

# DiaLogos

Boletim do Ágora Instituto Lacaniano

## Editorial



gora encerra a idéia de reunião, era a praça principal das antigas cidades gregas onde se realizavam as assembléias. Ágora é também o lugar dos diálogos. Diálogos em grego significa “falar através de algo”. Platão adotou o método do diálogo como a forma de transmitir sua teoria. Em função da lógica da transmissão de um saber, que pode e deve ser construído por muitos, o boletim de nosso instituto se chama Diálogos.

Neste primeiro número, o boletim surge também como uma comemoração dos 150 anos de nascimento de Freud. Freud fundou com sua teoria uma nova subjetividade, de um sujeito dividido, que não é senhor em sua própria casa. Mais de cem anos se passaram desde suas primeiras publicações. Vivemos na contemporaneidade situações absolutamente diferentes da época de Freud – um grande avanço tecnológico, aquecimento global, capitalismo desenfreado, etc – e, no entanto, a dor humana descrita por Freud continua: as perguntas sobre a feminilidade, sobre o que é um pai, a angústia na relação com o sexo, com a morte, com a violência, com a guerra.

A psicanálise está aí, como um saber sobre o mal-estar na civilização, como uma oferta de escuta que perpassa a ética do desejo e pela qual o sujeito pode construir sua história, através das palavras. A preservação de um lugar para a subjetividade em um mundo tão líquido – o adjetivo é do sociólogo polonês Zygmund Bauman para designar a rapidez com que tudo se torna velho e dispensável nessa época – é o objetivo de todo psicanalista. Este boletim tem como meta ajudar a manter o discurso psicanalítico em nosso meio, mostrando nossa produção teórica.

O boletim contém quatro seções. Uma de resenhas de livros publicados recentemente. Em atualidades apresentamos as notícias e eventos da psicanálise. Em ensaios, Milena Maia Duarte responde a artigos que pregam o fim da psicanálise e Mariangela Bazbuz afirma a atualidade das idéias de Freud.

Na seção intitulada Teoria, este número propõe uma interface da psicanálise com a sétima arte. Tem-se muito a aprender e contribuir no diálogo com a arte, Lacan afirma que o artista sabe daquilo que o psicanalista ensina. Apresentamos seis artigos que analisam filmes, através dos quais se discute a feminilidade, a morte e o suicídio, a eutanásia, o desejo, a infância e a adolescência. Bárbara Guatimosim escreve sobre o filme “A vida de David Galé”. Fabiane Messias analisa o filme Mar Adentro. Janaina Carmem teoriza sobre a infância e a relação mãe-filho no filme Machuca; Bárbara Guatimosim e Zilda Machado teorizam sobre a feminilidade no filme iugoslavo Virgina. A adolescência e a feminilidade são discutidas a partir do filme Aos 13, por Luciana Garcia Mariano e Pricila Pesqueira de Souza. E eu mesma discorro sobre o suicídio a partir do filme Para sempre Lilya.

Andréa Brunetto

# SUMÁRIO

EDITORIAL .....	3
TEORIA: PSICANÁLISE E CINEMA	
Lacan na “Vida de David Gale” .....	5
<i>Bárbara Guatimosim</i>	
Cartas do Inferno e Mar Adentro: um olhar psicanalítico.....	9
<i>Fabiane da Fontoura Messias</i>	
Machuca .....	12
<i>Janaina Carmem de Oliveira</i>	
A Hombridade Feminina .....	15
<i>Bárbara Guatimosim e Zilda Machado</i>	
Adolescência e Feminilidade .....	19
<i>Luciana Regina Prado Garcia Mariano e Pricila Pesqueira de Souza</i>	
Os amanhãs que cantam .....	21
<i>Andréa Brunetto</i>	
ENSAIOS	
Freud e a atualidade de suas idéias .....	24
<i>Mariangela Bazbuz</i>	
O fim da psicanálise? .....	25
<i>Milena Maia Duarte</i>	
RESENHAS	
<i>Pricila Pesqueira de Souza: O que Lacan dizia das mulheres, de Colette Soler</i> .....	27
<i>Juliana Monteiro: O Mal Obscuro, de Giuseppe Berto</i> .....	28
ATUALIDADES.....	30

## Lacan na “Vida de David Gale”

Bárbara Guatimosim<sup>1</sup>

*“Quero ser lembrado por tudo que fiz na minha vida  
e por todas as coisas que fiz que acabaram com a minha vida”*

*D. Gale*

Em um instigante e recente (2003) filme de Alan Parker, David Gale (Kevin Spacey) é um brilhante escritor e professor de filosofia, militante contra a pena de morte, que está condenado a esta pelas leis do Texas por estupro e assassinato. Bitsey Bloon (Kate Winslet) é uma jornalista que, em suas reportagens costuma abraçar causas politicamente incorretas, o que lhe põe no currículo uma passagem pela prisão. D. Gale, portanto manchete do momento, vende uma entrevista àquela que acredita poder encontrar a verdade de sua inocência. A partir de seu encontro com a jornalista, em entrevistas que atravessam os seus derradeiros três dias de condenado, passa a contar sua vida em flash back. Este recurso nos leva ao professor Gale ministrando, em uma universidade do Texas, uma aula sobre Lacan, que dá o tom de abertura para a saga do professor que neste ponto se inicia, tendo ao fundo, no quadro negro, o grafo do desejo e a escrita do objeto a.<sup>2</sup> Assim fala ele aos alunos:

“As fantasias precisam ser irrealistas porque no momento em que tiverem o que procuram, desistam... vocês não vão querer aquilo. Para poder continuar existindo o desejo deve ter seu objeto eternamente ausente: Não é aquilo o que vocês querem, mas a fantasia daquilo. Então o desejo sustenta fantasias desvairadas. Seria a isso a que Pascal se referiu quando diz que somos felizes somente quando sonhamos acordados com a felicidade futura ou porque dizemos que caçar é melhor que matar ou quando dizemos: Cuidado com o que você deseja! Não é porque vamos conseguir, mas porque fatalmente não vamos querer quando conseguirmos. Então a lição de Lacan: Viver dos desejos nunca vai trazer a felicidade. O significado de ser inteiramente humano é esforçar-se por viver por idéias e ideais, e não medir suas vidas por aquilo que ganharam em termos de desejo, mas por aqueles pequenos momentos de integridade, compaixão, racionalidade... até mesmo o sacrifício próprio; porque no final, a única forma de avaliarmos o significado de nossas vidas é valorizando a vida dos outros.”

Dentro dos padrões trágicos, é com um erro que começa a decadência do personagem, ao ser seduzido por uma aluna que o processa em seguida por estupro. Desde então, mesmo com a retirada do processo, temos um homem que despenca degrau por degrau em direção a sua ruína: Sua mulher o abandona, fica privado do contato com o filho, perde o posto na universidade, perde sua casa, restando-lhe somente a fiel colega Constance Harraway (Laura Linney), também professora e militante do movimento fictício DeathWhatch, similar a muitos que existem contra a pena de morte. Durante a queda do personagem principal assistimos, através de sua narração à jornalista, cada vez mais empenhada, impressionada pela intriga e convocada à descoberta da verdade, o lamento de um Sócrates condenado pelo estado, (evocação filosófica que um Gale embriagado chega a encenar) que sobrepuja qualquer movimento de retomar sua vida. Das conseqüências da falta que o personagem interpreta como fatal, o sintoma mais óbvio e gritante é o alcoolismo que o leva aos AA. O fato de ser este o único tratamento buscado, chama a atenção, já que o argumento do roteiro se fundamenta em Lacan. A abordagem não deixa de ilustrar sob que redução desviante a visão filosófica, mesmo dentro de uma leitura possível, pode apreender

<sup>1</sup>Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano BH, da AFCL, Artigos publicados em várias revistas e organizadora do livro “Em torno dos Cartéis” publicação da AFCL, Contra Capa, RJ.  
End.: Av. Bandeirantes, 599/501, Sion, BH, MG. Cep: 30315000

uma ética lacaniana - sem a psicanálise.

Também é por essa ótica que a teoria lacaniana do desejo nos é lecionada, justificando uma vida abnegada e votada aos ideais, a partir da impossibilidade de realização do desejo, vista a inacessibilidade do objeto a.

No ponto auge da decadência de Gale, sua colega Constance é estuprada e assassinada, e, além do peso de já ter caído sobre ele uma primeira acusação de estupro, todas as provas obtidas deste segundo delito o incriminam, levando-o à prisão e ao corredor da morte.

Durante o filme ficamos sabendo que o grande argumento do governo para manter a pena de morte é que, até o momento, nenhum inocente tinha sido condenado; a lei não tinha o furo de uma exceção, uma falha. É diante deste argumento lançado em xeque mate pelo governador do Texas, que o desafiador Gale perde para a autoridade uma discussão/disputa em um programa de TV.

Evidentemente, é só ao final da fita que ficamos sabendo que a culpa e condenação de Gale foram cuidadosamente preparadas e calculadas por ele mesmo, com a parceria de Constance - pois do seu assassinato revela-se o suicídio - e protagonizada por amigos e membros da organização contra a pena de morte. Da mesma forma, as provas que o inocentariam foram estrategicamente ocultadas de modo que só fossem descobertas depois de sua execução, contando com o efeito bombástico que a mídia exploraria pelo fato, enfim, de terem a prova de um inocente executado.

Temos, então, e esta é a leitura da maioria dos comentários que pude apreciar, um par heróico-trágico que tudo sacrificou por uma causa, sob os auspícios da ética de Lacan<sup>3</sup>.

Porém é o mesmo Lacan que assinala no seminário XI<sup>4</sup> um curioso paradoxo: Apesar do analisando considerar seu analista como sujeito suposto saber, este crédito não impede que seu maior receio seja o de enganar seu analista, ou melhor, que este caia nas armadilhas que os significantes e a inércia do gozo preparam. Lacan repetidamente define a ordem significante e o nível da demanda como enganadores. O que resiste ao engodo é o desejo do analista que, na transferência, também é esperado, atravessando os enunciados, na escuta da enunciação do desejo. O que vemos na entrevista de Gale dada à sua ouvinte é um apelo simbólico, que passa pelo imaginário, visando um real. O tempo todo ele mente desbragadamente falando a verdade, ou seja, nem tudo é mentira, nem tudo é verdade e nem tudo é dito, mas indicado. Gale espera da ouvidoria, que tem na platéia sua metonímia, tanto enganá-la como convencê-la, simultaneamente, da verdade insuspeitada de sua culpa e de sua inocência perante a lei do estado.

Da trama, se ouvida mais atentamente, surgem dizeres que apontam em direções de causas menos puras, mais humanas e mais fantasmáticas.

Em uma leitura intersticial observamos que o papel que o professor Gale tem no roteiro, mesmo antes do primeiro erro, que vem macular contundentemente o brilho fálico de sua imagem, é um lugar de ênfase e prepotência desde o início da estória, ratificado posteriormente em sua luta para restaurar seu narcisismo abalado, que supera em muito seu trabalho pela causa contra a pena de morte, causa pela qual nos chega a parecer desinteressado e até mesmo enfasiado. Diante da cessão progressiva de seu desejo, da desistência cotidiana de reerguer sua vida, acompanhamos também a ascensão dominante da causa vital a um gozo na morte, morte que o aliviaria absolutamente de sustentar esta mesma causa, em vida, no desejo. Isto ele confessa de chofre no primeiro dia do encontro com a jornalista Bitsey:

“Você não está aqui para me salvar, mas para salvar, limpar, a imagem que o filho tem do pai. É tudo o que eu quero”.

É também o cardápio de seu filho, mantido de si afastado, que ele demanda como última refeição, sempre, é claro, com a cobertura da mídia. Certamente é a promoção e valoração de uma imagem paterna e social que se desvela como o cerne de sua causa.



Neste sacrifício sua companheira Constance o segue de modo um tanto diferenciado e talvez mais Antigônico. Acompanhando a narração de Gale na entrevista, sabemos que, afetada por leucemia, pouca e indigna sobrevive a espera. Constance, já em vida condenada à morte, tem aí o motivo para não temer e mesmo para querer a execução do plano, não sem lamentar, como Antígona, não ter tido no curso de sua vida mais lugar para os desejos e prazeres de mulher. Pela boca de Gale na última entrevista: “Estava muito ocupada para falar da doença. Já que ela estava morrendo, queria ajudar outras pessoas a fugir da morte. Foi isso o que ela fez com sua vida”.

Gale, com a imagem moral maculada e decaída, muito além do que seu desejo podia soerguer e Constance, acometida por uma doença fatal, têm ambos na luta contra a pena de morte uma razão narcísico-social e, secundariamente, também ideológica, para a compaixão impiedosa do sacrifício que eles se impõem.

Não é, pois, uma idéia ou uma causa ideal que os leva ao auto extermínio, mas um tratamento racional, radical e absoluto para o narcisismo irremediavelmente ferido de ambos. E nos diz Gale à repórter:

“Chega-se em um ponto na vida, um momento quando a mente sobrevive aos desejos, às obsessões; quando os hábitos sobrevivem aos sonhos e quando as perdas... A morte pode ser uma dádiva, quem sabe?” E imediatamente instiga sua ouvinte a descobrir porque ele vai ser morto. Contudo, a jornalista perplexa só é desenganada no último momento, após Gale conseguir o que quer.

Muito além de ser um filme contra ou a favor a pena de morte, “A vida de David Gale” é ambíguo segundo o próprio diretor. Questiona e busca golpear a lei absoluta do Outro social, sua moral, seus imperativos tanto kantianos como sadianos. Neste roteiro realmente perturbador que confessadamente provocou a realização do filme, é proposta uma subversão que extrai da ética do desejo de Lacan uma ética do gozo autorizando, não a violência de dispor do corpo alheio, de um saber sobre este, como faz a pena de morte e os tratamentos macabros da medicina que insistem em prolongar a vida a qualquer preço, mas o ato, milenarmente exercido, por vezes reconhecido, por vezes clandestino, de gozar e dispor do próprio corpo e da vida a partir de uma lei própria. Pois um plano da tal forma arquitetado<sup>5</sup> para se ter um inocente executado, prova pedida pelo governador para declarar a moratória da pena de morte, é muito menos, no caso, ofertar uma exceção à lei vigente, do que se submeter ao imperativo de preservar, da parte de Gale, a memória de seu nome; e da parte de Constance, uma morte escolhida, eutanásica, que dignificaria a militante.

Se Constance já tinha a morte no horizonte, resta saber em que medida Gale, ao galgar o posto de mártir de um sistema penal fundamentalista, ao se prescrever a mesma pena máxima que condena, não transmite uma forma invertida, mas absoluta, de concordar com ela.

Entretanto, não é simplesmente com outro sectarismo, mas com construções subjetivas mais complexas, que o filme responde ao fanatismo do “olho por olho, dente por dente” da pena de morte.

Por outro lado, é o personagem enigmático e periférico Dusty Wright (Matt Craven), que faz eco à leitura da maioria. Mal visto, até entre os colegas da DeathWhatch por seu fanatismo, filmou e acompanhou do início ao fim o sacrifício de Gale e Constance e talvez, tenha entendido, como muitos, o pacto suicida como morrer por amor à causa, a partir de sua própria paixão. Isto a edição da película sugere ao finalizar a ficção com Dusty assistindo, ao mesmo tempo, fleumática e emocionadamente o suicídio da escrava Liù<sup>6</sup> na ópera Turandot, revelando o ponto dramático do tema de Puccini escolhido para seu papel e que trilha suas aparições.

O filme foi realizado com a participação de ótimos atores, em excelentes atuações e com produção e direção esmerada, primorosa nos detalhes, cuidados provavelmente responsáveis pela elevação do orçamento a cinquenta milhões de dólares. O fracasso de bilheteria, público, e nenhuma premiação nos leva a pensar que talvez o filme tenha conseguido ser muito inteligente e/ou pouco

simplista para fazer sucesso ao abordar manifestadamente uma questão política tão controvertida. Pois nem os previsíveis e inevitáveis clichês hollywoodianos poupam a assistência da estranheza e do mal estar, mesmo contando com um roteiro ágil, com diálogos surpreendentes e, no elenco, com atores consagrados, preservando um clima de suspense típico dos thrillers policiais.

---

<sup>2</sup> O diretor Alan Parker comentando o filme entende como uma grande realização do roteirista estreado (Charles Randolph também acadêmico e professor de filosofia como o personagem) divulgar a importância da ética de Lacan e ainda prender o público por duas horas.

<sup>3</sup> O “tema de Lacan”, como é chamado por Parker, um violoncelo sombrio, participa da trilha sonora pontuando certos momentos da trama.

<sup>4</sup> Lacan, J., Seminário XI - Os quatro conceitos da psicanálise, Ed. Zahar, RJ, 1979, págs. 221/222.

<sup>5</sup> Que tem a pretensão de imitar uma promotoria tendenciosa e uma defesa negligente que podem “preparar” um condenado.

<sup>6</sup> Que com seu suicídio em nome do amor, segundo o libreto escrito por Giuseppe Adami e Renato Simoni, aplaca a sede de morte, sentença fatal que a princesa chinesa Turandot repetidamente aplicava a seus pretendentes. Site de consulta: <http://opera.stanford.edu/Puccini/Turandot/ato1.html>

É digno de nota que uns optam por emperrar a máquina mortífera pagando com a vida, outros escolhem contar histórias sem fim como Sherazade.

## Cartas do Inferno e Mar Adentro: Um olhar da Psicanálise

Fabiane da Fontoura Messias<sup>1</sup>

Pela janela vê-se a paisagem que traz o vento a remexer as cortinas e os desejos de liberdade, de movimento. Daquela abertura da janela, o mundo todo se abre para Ramon Sampedro. Assim, já na primeira cena do filme “Mar adentro” (2004, Direção: Alejandro Amenábar, Espanha, França, Itália), o espectador pode se colocar no lugar do protagonista, percebendo os desejos, sonhos e impossibilidades que se apresentam. Este recurso é utilizado em todo o filme como uma forma do protagonista (e do espectador) ultrapassar a fronteira do possível, assim como nos seus sonhos de vôo.

Em uma carta destinada aos juízes, desdobra-se uma idéia que aparece repetidas vezes no filme: “viver é um direito, não uma obrigação”. Assim, Ramón coloca em cheque a regulação da vida e da morte pelo Estado e pela Igreja e acusa “a hipocrisia do Estado laico diante da moral religiosa”.

Momentos tensos, de debate, momentos de ternura e da impossibilidade do contato físico, a dor da família de Sampedro, mas também a do protagonista são bem percebidos no filme, este muito bem elogiado e premiado pela crítica.

Mar adentro conta a história verídica de Ramón Sampedro, marinheiro nascido em 5 de janeiro de 1943 em Xuño, uma pequena aldeia da província de La Coruña, que aos 22 anos de idade, ao pular na água de cima de um rochedo produziu uma fratura na sétima vértebra cervical, ficando tetraplégico. “No dia em que a ciência concluiu que era impossível curar-me da paralisia, pensei, com o desespero do animal apanhado na armadilha infernal de algum cruel caçador, na bondade da morte”, essa é uma de suas falas que denotam seu desejo de morrer dignamente, como ele mesmo dizia.

Por “considerar o tetraplégico como um morto crônico que reside no inferno”, Sampedro escreveu o livro “Cartas do Inferno”, uma compilação de poesias e das suas respostas às mais diferentes e inúmeras pessoas que lhe escreveram, entre elas padres, adolescentes, o diretor do jornal “El país”, o Papa João Paulo II, chefe de Estado, Juízes. O livro representa um testemunho da luta de um homem que durante 27 anos defendeu o direito da liberdade do ser humano na vida, no amor e na morte. Sua demanda judicial pedindo para morrer dignamente não foi aceita e em 15 de janeiro de 1998, provavelmente assistido por uma mão amiga, ingeriu cianureto e faleceu.

O filme conseguiu realizar uma boa adaptação do livro, no entanto, imprimiu um Sampedro mais sereno e bem-humorado, diferente do que se capta no livro. Além disso, trouxe poucas cenas que demonstrassem seu sofrimento e dor, sentimentos que foram bem transmitidos na leitura do livro.

A obra bem como o filme reacendeu a discussão acerca da eutanásia, um termo oriundo do grego, usado pela primeira vez pelo historiador latino Suetônio, no século II d.C., ao descrever a morte “suave” do imperador Augusto: A morte que o destino lhe concedeu foi suave, tal qual sempre desejara: pois todas as vezes que ouvia dizer que alguém morrera rápido e sem dor, desejava para si e para os seus, igual eutanásia - conforme a palavra que costumava empregar. (Suetônio, 2002).

Eutanásia, pela definição de dicionário<sup>2</sup>, significa morte serena, uma prática pela qual se busca

<sup>1</sup> Acadêmica do 5º ano de Psicologia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Tel: (67) 3362-6779 Email: psicofabiane@uol.com.br



abreviar, sem dor ou sofrimento, a vida de um doente reconhecidamente incurável. A Bíblia traz-nos o exemplo de Saul, que pedira a morte a um amalecita. Gregos, romanos, espartanos, germanos, sul-americanos praticaram a eutanásia e até os índios brasileiros também tinham o costume de eliminar os velhos. Na Idade Média, usava-se um punhal denominado “misericórdia”, com o qual os soldados livravam os mortalmente feridos de sofrimentos atrozes.

Falar da eutanásia nos remete à história de vida do criador da Psicanálise, Sigmund Freud (1856-1939), acometido por um tumor maligno no maxilar superior. Seu médico, Dr. Schur, estava angustiado por não conseguir aliviar o sofrimento de Freud, que havia lhe dito: “Schur, o senhor lembra-se de nosso ‘contrato’ de não me deixar quando tiver chegado a hora. Agora, é apenas uma tortura e não faz sentido”. O médico fez sinal de que não tinha se esquecido e Freud suspirando aliviado, disse: “Eu lhe agradeço”. A seguir, depois de uma ligeira hesitação, ele acrescentou: “Fale com Anna sobre isso, e se ela achar certo, dê um fim a isso”. Sua filha, Anna Freud, quis adiar o momento fatal, mas Schur insistiu que manter Freud vivo era inútil, e ela se submeteu ao inevitável, tal como seu pai se submetera. O momento havia chegado; ele sabia e agiu.

Seu médico estava à beira das lágrimas, enquanto presenciava Freud encarando a morte com dignidade e sem autopiedade. Ele nunca vira alguém morrer assim. Em 21 de setembro, foi aplicado em Freud uma injeção de três centigramas de morfina - a dose sedativa normal eram 2 centigramas - e, Freud mergulhou num sono pacífico. Schur repetiu a injeção, quando ele se tornou inquieto, e administrou uma dose final no dia seguinte, 22 de setembro. Freud entrou num coma do qual não mais despertou. Ele morreu às 3 horas da manhã de 23 de setembro de 1939.

Também o médico de Jacques Lacan – seguidor de Freud - tomou a decisão de administrar a dose de morfina necessária a uma morte suave após a ruptura da sutura pós-operatória de um tumor no cólon, provocando uma peritonite seguida de septicemia. Ele morreu na quarta-feira, 9 de setembro de 1981, na Clínica Hartmann de Neuilly. Teve tempo de pronunciar estas palavras: “Sou obstinado[...]. Eu desapareço”.

A questão da eutanásia perpassa não só a teoria psicanalítica, mas também a vida dos seus representantes, demonstrando que o suicídio assistido é mais um tema que esta teoria trouxe, e ainda traz, contribuições para o debate. Vale lembrar que em 1926, Freud disse numa entrevista<sup>3</sup> concedida ao jornalista americano George Sylvester Viereck “Se a gente reconhece os motivos egoístas por trás de conduta humana, não tem o mínimo desejo de voltar à vida; movendo se - num círculo, seria ainda a mesma. Pelo que me toca, estou perfeitamente satisfeito em saber que o eterno aborrecimento de viver finalmente passará. Nossa vida é necessariamente uma série de compromissos, uma luta interminável entre o eu e seu ambiente. O desejo de prolongar a vida excessivamente me parece absurdo.(...) É possível que a morte em si não seja uma necessidade biológica. Talvez morramos porque desejamos morrer. Assim como amor e ódio por uma pessoa habitam em nosso peito ao mesmo tempo, assim também toda a vida conjuga o desejo de manter-se e o desejo da própria destruição. Não obstante, o objetivo derradeiro da vida é a sua própria extinção. Seria mais possível que pudessemos vencer a Morte, não fosse por seu aliado dentro de nós. Neste sentido, pode ser justificado dizer que toda a morte é suicídio disfarçado”

Conhecer as histórias de vida de Ramón Sampedro, Sigmund Freud, Jacques Lacan nos faz questionar: a eutanásia pode assinalar um amor à morte? Ou seria entendida, pelos que sofrem de uma doença incurável e caminham lentamente para a morte, como a única saída para dar fim à dor? Ou ainda, a eutanásia seria a desistência do eu diante do fim próximo? Ou seria a vontade do ser humano em defender o direito de morrer dignamente e na hora em que julgar pertinente?

Parece que nenhum desses questionamentos responde sozinho o que é a eutanásia, e isso revela a importância de re-pensar a relação do homem com a sua finitude, o papel do Estado e da Lei e a necessidade de mais pesquisas no âmbito da Psicologia e também da Psicanálise, com o objetivo de

compreender as implicações da terminalidade na subjetividade, dando suporte e acolhendo a dor, medo, o turbilhão de sentimentos ambivalentes dos pacientes terminais e dos seus familiares.

<sup>2</sup> Retirado de: <http://www.psiqweb.med.br/gloss/dice.htm>

<sup>3</sup> Retirado de [http://www.antroposmoderno.com/antro-versao-imprimir.php?id\\_articulo=88](http://www.antroposmoderno.com/antro-versao-imprimir.php?id_articulo=88)

#### Referências Bibliográficas

- Gay, P. (1990). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras
- Lepargneur H (1999). *Bioética da eutanásia: argumentos éticos em torno da eutanásia*. *Bioética* 7(1):41-48.
- Roudinesco, Elisabeth. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sampedro, Ramón. (2005). *Cartas do Inferno*. Tradução Lea Zylberlicht. São Paulo: Planeta do Brasil.
- Schneiderman, Stuart. (1988). *Jacques Lacan – A morte de um herói intelectual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Singer P (1998). *Ética prática*. (2a ed). Ed. Martins Fontes, São Paulo.
- Siqueira-Batista, Rodrigo and Schramm, Fermin Roland. *Euthanasia: along the road of death and autonomy*. *Ciênc. Saúde coletiva*, 2004, vol.9, no.1, p.31-41. ISSN 1413-8123.
- Suetônio (2002). *A vida dos doze Césares*. Tradução de Sady-Garibaldi. (2a ed). Prestígio Ed., São Paulo.
- Filme *Mar Adentro*. Elenco: Javier Bardem, Belén Rueda, Lola Dueñas, Mabel Rivera, Celso Bugallo. Direção: Alejandro Amenábar. Fox Film, 2004

## “MACHUCA”

Janaina Carmen de Oliveira<sup>1</sup>

O filme se passa no Chile no ano de 1973, exatamente na época da brusca transição governamental de Allende para Pinochet.

“Machuca” conta a estória de dois meninos de onze anos que moram em Santiago, Gonzalo Infante (que pertence a alta sociedade) e Pedro Machuca (que vive num povoado ilegal). Estes se tornam amigos graças à ação do padre Mc Enrol que também era diretor de uma escola elitizada da região. Este padre decide integrar estes dois universos abrindo as portas do colégio aos meninos do povoado. Nasce daí uma amizade cheia de descobertas, segundo a contracapa do filme, mas o que chama mais atenção àqueles que assistem ao filme tentando uma análise do mesmo é a história familiar de Gonzalo Infante, apesar do nome do filme ser, justamente, o sobrenome do outro garoto.

O contexto familiar de Gonzalo reflete uma estrutura fragilizada onde o relacionamento conjugal é interferido por adultério, brigas e discordâncias, onde a filha adolescente é tratada como adulta e o pai faz uso do mercado negro; Gonzalo é exposto sem reserva alguma a todas essas situações. Vemos então que a boa condição social ocupada por esta família não impede tais fragilidades, pois a constituição da subjetividade do sujeito independe de status social.

Freud marca dois tempos na estruturação subjetiva do sujeito, sendo o primeiro no Fort-da e o segundo na apreensão da castração, sendo que ambos implicam na falta (Oliveira, 2004). A falta por sua vez está envolvida na relação que a criança estabelece, desde seu nascimento, com o Outro materno; é a partir desta relação que o simbólico pode emergir, compreendendo que o simbólico é a inscrição na linguagem, condição da neurose, condição na qual estamos compreendendo Gonzalo.

Enfim, a psicanálise propõe que o sujeito do inconsciente não é definido por status social, idade, sexo ou cor (Prudente, 2004), mas sim a partir da tríade imaginária mãe-criança-falo, que Lacan, no livro quatro, posiciona como prelúdio da relação simbólica, que se dá com a entrada do pai, ou seja, no Édipo

Se fossemos estabelecer um paralelo entre Gonzalo e Machuca eu me deteria num fator em especial: a figura materna e a relação desta com a figura masculina, ou seja, a mãe e seu marido.

A mãe de Machuca critica o marido alcoolatra na frente de quem for, até dos filhos; ela bate, xinga, não deixa este levar seu dinheiro. Todavia ela esta no lugar de objeto de desejo deste homem, ela demanda algo a ele, isto é visível quando ela pede que Machuca vá atrás de seu pai, que o traga de volta, enquanto ele não está nem aí para este pai. Vemos, então, esta mulher atribuindo significantes a este homem, posicionando-o assim, num lugar de identificação. Machuca é quem irá decidir se será ou não como o pai, mas o mais importante é que há um lugar de identificação com a figura paterna definido.

Ao contrário, a mãe de Gonzalo não fornece, ou dificulta, o acesso a esta identificação. O marido desta parece estar destituído da palavra, no sentido de que não há valor na palavra que vem deste pai, apesar de Gonzalo querer atribuir este valor, vemos isso quando o pai propõe uma mudança de cidade a um lugar que Gonzalo desconhece totalmente, até mesmo o idioma que se fala, mas ele mostra-se receptivo a esta palavra, todavia ele olha para a mãe, assim como também faz o

---

<sup>1</sup> Janaina Carmen de Oliveira (Psicóloga – CRP 14/03273-0)  
Rua Ernesto de Matos Carvalho, 825 – Jd. Água Boa – Dourados/MS  
Fone (67) 3425-1354 e 9924-4735 - E-mail: janaina\_co@yahoo.com.br

pai, como que aguardando o aval final. Enfim, o pai enquanto figura passível de identificação é desvalorizado pela figura materna.

### **A mamãe e seu homenzinho**

Pudemos constatar até aqui que a relação de Gonzalo com sua mãe é o que há de mais preocupante neste contexto familiar.

Além da mãe de Gonzalo o participar de sua aventura amorosa, se assim podemos dizer – o que me parece uma atitude bastante perversa por parte desta mãe, a de expor o filho aos seus encontros sexuais extra-conjugais; pois, se expor uma criança a tal entre o casal já é perverso, quanto mais com um amante – ela o coloca numa posição de “homenzinho”.

Este é com certeza um lugar insuportável para este menino de onze anos, que esta num período de transição sim, deixando de ser criança para adolecer, mas que não cabe neste lugar que a mãe o coloca.

O que é um homenzinho? Um homem pequeno? Uma criança com responsabilidades e direitos de um homem? À que direitos tem um homem? À relações sexuais? E que responsabilidades morais tem um homem? Dizer a verdade? Quantas questões Gonzalo pode ter cogitado a partir deste lugar?

A palavra que vem da mãe (“meu homenzinho”) traz, portanto, uma carga insuportável. Faço eu uma pergunta agora: será que um filho homem, adulto, suportaria este lugar, suportaria estar implicado neste gozo materno? Creio que não, creio que Gonzalo, ainda suporta este lugar por não estar totalmente livre deste lugar de objeto materno.

Uma criança em seu desenvolvimento normal se questiona constantemente sobre a sexualidade, interessa-se pela relação sexual – vemos isto no Segundo Ensaio quando Freud aborda sobre a investigação sexual infantil – e por conta disto é acometido pela angústia, quem dirá uma criança que é exposta, não à sexualidade, mas à relação sexual em si. Que carga de angústia esta última tem que suportar? Embora Gonzalo não presencie o ato em si, a situação sexual é nítida e clara, não há dificuldade em se entender o propósito de tais visitas da mãe a este homem.

Enfim, o que eu quero pontuar é que o conteúdo sexual do qual a criança se ocupa normalmente, em suas fantasias, já traz consigo uma carga de angústia; portanto, como esta angústia é vivenciada quando os conteúdos fantasmáticos são postos na realidade? Creio que o sofrimento passa ser maior.

A angústia diz de uma falta, é quando o sujeito reconhece a falta no Outro, é um vazio de representação, não há palavras para definir a angústia ela “é apenas uma indizível inquietação” (França,1997). Quando França usa a palavra “apenas” acredito que é por ser pela falta de representação que a angústia implica, pois o sofrimento que esta desencadeia só pode encontrar sentido no divã.

Há uma cena muito interessante no filme que nos permite visualizar parte da elaboração destes conflitos. Trata-se de uma cena onde há uma adolescente entre Gonzalo e Machuca num “jogo” de troca de beijos. A garota beija um enquanto o outro reserva um pouco de leite condensado da boca, e então ela beija este enquanto o outro torna a reservar o leite condensado, e eles perdem um bom tempo nisto até que Gonzalo morde a boca da garota a ponto de feri-la. A situação gera uma discussão entre os três e Gonzalo é deixado para trás. Uma associação que podemos fazer a partir deste fragmento é a tentativa de Gonzalo representar, simbolizar a situação real (a sua mãe entre dois homens, seu pai e o amante); outro ponto mostra o quanto a sexualidade está a florada, a tal ponto do beijo não bastar, então o impulso agressivo se presentifica na mordida.

### **“Gonzalo sintoma” ou “sintoma Gonzalo”**

A partir de Lacan compreendemos dois lugares para o sintoma da criança, podendo ser *sintoma*

da família, representando uma verdade, ou enquanto *sintoma da mãe*, no lugar de objeto que atende o gozo materno. Sauret reafirma a teoria de Lacan e acrescenta: que “a criança é ao mesmo tempo o objeto de gozo materno e o sintoma do casal”, isso por conta da condição de não-toda da mulher.

Achei complicado de situar onde está o sintoma de Gonzalo, é claro que este está, em parte como sintoma materno, ele ainda atende ao gozo do Outro. Contudo, não fica claro como Gonzalo responde ao sintoma da família, pois penso que ele pode estar respondendo também como sintoma desta família, que apresenta uma dinâmica desestruturada. Todavia não pude identificar a manifestação deste sintoma em Gonzalo, isto é se ele está de fato situado neste lugar.

Portanto, fico em dúvida se Gonzalo está apenas com sintoma da mãe ou se ele é, como vemos em Sauret, ao mesmo tempo sintoma materno e sintoma da família. Deixo então um ponto de reflexão marcado aqui. Mas enfim uma coisa é certa: Gonzalo ainda não banca seu desejo, o seu sintoma ainda não existe.

### Conclusão

Frente a essa simples e breve análise de “Machuca” podemos propor algumas considerações e conjecturas.

Sua relação com o Outro materno é norteadada de conflitos atípicos, se podemos assim dizer. No desenvolvimento normal a relação dual implica na vivência de satisfação, atribuição da onipotência a figura materna, destituição deste lugar com a percepção da falta e a edição do Complexo de Édipo. No caso de Gonzalo soma-se a estes conflitos psíquicos a relação conflituosa do casal, onde a mãe é uma adúltera que participa ao filho de seu gozo e o pai é uma figura impotente. Enfim, Gonzalo tem que fazer um esforço muito grande para emergir enquanto sujeito do desejo, pois sua história familiar esta cheia de nós, figuras e funções materna e paterna confusas e inconsistentes.

O lugar que Gonzalo ocupa nesta estrutura familiar também é vetor de conflito, pois lhe é imposta a condição de “homenzinho”, lhe atribuem tarefas, tal como a de cuidar da irmã adolescente, que não condizem com sua condição de criança.

Por fim se tomássemos Gonzalo Infante como um sujeito real poderíamos traçar um prognóstico pensando em um sujeito passivo frente às situações diárias – isso se ele não sair deste lugar de objeto de gozo da mãe – ou ainda em um sujeito com dificuldades em relacionamentos afetivos e amorosos – talvez possa vir a se envolver em triangulações amorosas. São estas hipóteses, a partir da presente história. Todavia Gonzalo pode encontrar uma válvula de escape e se livrar deste lugar de objeto materno e conseguir avançar, ou ainda buscar no divã sentido para a indizível angústia que “persegue” todo bom neurótico.

### Referências Bibliográficas

- FRANÇA, Maria Inês. *Psicanálise, ética e estética do desejo*. São Paulo: Perspectiva, 1997. p. 99-106.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade infantil. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Tradução: Jayme Salomão. v.10. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.163-195.
- LACAN, Jacques. *A relação de objeto*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.81
- \_\_\_\_\_. Duas Notas sobre a criança. *Revista Opção lacaniana*. Tradução: Ana Lydia Santiago, São Paulo: AMP, nº 21, p.05-06, abril, 1998.
- OLIVEIRA, Roseli Rodella de. Psicanálise e criança: o fracasso escolar e os momentos da estruturação do sujeito. *Periódico: Projeto Freudiano*, Segipe, ano/volume nº09, p.02-04, julho a dezembro, 2004.
- PRUDENTE, Heloisa. Uma clínica social. *Periódico: Projeto Freudiano*, Segipe, ano/volume nº09, p.10, julho a dezembro, 2004.
- SAURET, Marie-Jean. A criança, o amor e o sintoma. *Revista Marraio: Da infância à adolescência*, Tradução: Elizabeth da Rocha Miranda, Rio de Janeiro: Contracapa, nº 01, p. 19-33, abril, 2001.



# A Hombridade Feminina

Bárbara Guatimosim<sup>1</sup>  
Zilda Machado<sup>2</sup>

*“Quando se fala em viril, sempre se está falando de uma mulher”<sup>3</sup>*  
J. Lacan

A partir do filme iugoslavo “Virgina”<sup>4</sup>, pretende-se acompanhar o percurso da personagem de uma menina, desde seu nascimento criada e destinada a ser um homem ou morrer. Esta condição alienante é tida como necessária para salvar sua família da maldição celeste, maldição ouvida nas mensagens enviadas por São Jorge que o pai e a comunidade de camponeses recebem e interpretam.

Esta família estava acometida da desgraça de ter dado à luz a toda uma prole do sexo frágil. Segundo a tradição, na ausência de um descendente macho, uma das fêmeas era nomeada “Virgina” para assim ser, como homem. Este rebento, portanto, era para a família a última chance de virar a sorte do clã que estava vivendo na mais desértica miséria, sendo ainda responsável pela falta de chuva na região, pela ausência das bênçãos dos céus.

A criança e sua família vivem, desde então, para não serem esquecidas por Deus, sob o peso desse ditame e da imposta denegação da realidade sexual da menina. Há aqui um “nomear para ser” que se antepõe à nomeação “Stevan”, pelo batismo: Será Virgina. (I). Segundo Lacan<sup>5</sup>, quando esta condição “nomear para” se antecipa, por um projeto materno, à nomeação do pai, pode submeter o sujeito à entrada em uma alienação catastrófica. Neste caso, porém, vemos o contrário. É a mãe que não se conforma com esta nomeação “para ser” homem e barra a “lei de ferro” do projeto paterno, abrindo ao sujeito o via do parecer, do semblante, da falta-para-ser, proporcionando uma saída da alienação em nome próprio. A mãe não exerceria aqui uma função paterna?

Esta criança, apesar de inicialmente se submeter ao semblante de menino, é compelida, desde muito cedo ao feminino, brincando às escondidas de mãe e de mulher.

A menina, criada para ser menino, convivendo em uma família essencialmente feminina, vai descobrindo com a mãe o sofrimento da privação do pênis, confundida com a miséria e com o preconceito depreciativo, mas isso não a afasta dos deleites da maternidade dos quais goza ao surrupiar a bonequinha de uma irmã. Espaço lúdico que ela instaura cavando um buraco no muro feito para conter a Virgina, pelo qual inicia a construção de uma saída.

Começa a se insinuar assim a posição sexual do sujeito. Como foi desde muito cedo estimulada a brincar com garotos, exercia com o colega Mijat a amizade e a disputa fálicas. Já com as garotas a relação era diferente. O assédio da que lhe havia sido prometida em casamento não só não encontrava ressonância, como já refletia sua identificação ao feminino. É também na companhia do parceiro que a nossa personagem assiste aos jogos sexuais da irmã mais velha com o namorado,

<sup>1</sup> Bárbara Guatimosim

Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano BH, da AFCL, Artigos publicados em várias revistas e organizadora do livro “Em torno dos Cartéis” publicação da AFCL, Contra Capa, RJ.  
End.: Av. Bandeirantes, 599/501, Sion, BH, MG. Cep: 30315000

<sup>2</sup> Zilda Machado

Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, atual Coordenadora Geral do Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte e docente de Formações Clínicas do Campo Lacaniano - BH.  
End.: Rua Santa Rita Durão, 321/309, Funcionários, BH, MG Cep: 30140.110.

irmã que ainda lhe desvela a fruição sexual do corpo de mulher. (II). Mijat, eleito entre outros, tem uma função significativa na vida da Virgina, pois vê a mulher como objeto de desejo a partir do que ela não tem, atribuindo à maternidade um valor que escapa aos homens. Ele diz: “As mulheres não são como nós, são invertidas, e se abrem assim... e é por isso que gostamos delas. Quando casamos ficamos excitados, entramos nelas e elas têm filhos. Não podemos ter filhos, só elas podem”. Entendemos que essas novas experiências levam a garota “Stevan”, *a posteriori*, a conjugar amorosamente o fato de gozar sexualmente do seu corpo de mulher, com a privação feminina do órgão, junto ao desejo de ter um filho. Neste caso cabe a fórmula de Lacan: “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo.”<sup>6</sup>

Apesar de a maternidade ser vista, por alguns, como plenitude, é nos casos mais felizes que vemos o quanto a criança presentifica a castração, escancarando a perda para a mãe. O que essa experiência subjetiva sugere é que o acesso à maternidade pode ser, e é em muitos casos, a veia aberta para o feminino, quando o filho reenvia a mãe, como mulher, a um homem, e ao gozo Outro, além do fálico. E perguntamos então se abrigar um bebê e abrigar um pênis<sup>7</sup> não seria uma dupla via aberta pelo consentimento com a castração, como abrigo da perda, e não uma encruzilhada que excluiria a via materna da via feminina. Uma mãe suficientemente mulher é, então, duplamente não-toda. “Convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno”<sup>8</sup>.

Apesar da carga da destinação, não só familiar, mas também religiosa da comunidade onde vivia, que oferecia ao descendente masculino uma posição fálica privilegiada, a dita “Virgina” se revela suficientemente potente para enfrentar sua sina familiar e social e avançar na posição feminina.<sup>9</sup>

Diante do sacrifício fatal da mãe tentando gerar um filho para libertar a filha deste destino, esta libera, ex-pulsa em ato a sua própria escolha, com todas as conseqüências que disso decorre. Rompe o juramento feito pelo pai a São Jorge de se manter na função de homem, rompe com o pai que suspira por Um salvador, dizendo: “pode me matar, mas nunca mais serei homem, já disse isso a São Jorge”, e vai embora com o parceiro para quem “as mulheres são belas e tão fortes quanto os homens”, adotando a irmã recém-nascida, mais uma menina, fruto que a mãe pagou com a própria vida.

Desse destino, ao qual estava subjugada, a garota se separa com tal força, que acaba sendo reconhecida pelo pai em seu ultimo instante de vida. Diante do vigor do desejo da filha, ele diz: “Finalmente entendi sua mensagem, São Jorge... eu já tenho um filho... e o melhor de todos”. Neste filme, intriga o fato de que a identificação fálica<sup>10</sup>, pela qual a personagem “Virgina” não deixa de passar, poderia ser, como em tantos outros que vemos na clínica, a escolha menos surpreendente, tanto mais nesse caso, no qual a posição fálica era exigida de forma evidente, sendo ainda estimulada e favorecida.

Quanto à sexuação, Lacan comenta em vários momentos que não há no psiquismo como repartir os seres falantes em machos e fêmeas, sendo isso que também entrava a relação sexual. Portanto, o sexo é uma escolha de cada um.

Poder-se-ia dizer assim: ‘O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo’, no sentido de que pode escolher, quero dizer que aquilo a que cada um se limita, para classificá-lo homem ou mulher no estado civil, não impede que ele possa escolher. Isto, por certo, todo mundo sabe. O ser sexuado não se autoriza senão de si mesmo; mas acrescentaria: ‘e por alguns outros.’ (Lacan, 1974 )

Nem pelo destino da anatomia, nem pela lei da voz do Outro, além de precisar a sexuação como opção, o filme mostra ainda que a hombridade não é prerrogativa de um sexo ou de outro, mas uma

coragem de homens e mulheres. Conquista do ser falante, ao se posicionar diante da castração, respondendo com a ereção, não do falo, o que se tem ou não se tem, que se é ou não se é, mas com a ereção do ser do desejo, presença real, quando  $\Phi^{11}$  é solidário de  $S(A/)$ . Desejo causado pelo objeto  $a$ , o real da castração, quando “a mulher é o futuro do homem”<sup>12</sup>, futuro daqueles que ousarem fazer esta escolha. Sendo, pois, a sexuação um percurso, a partir da disjunção dos sexos desde o falo, a inscrição na significação fálica é possível ou mesmo necessária, se se quer excluir a psicose, para todo ser falante, mas a via feminina não se apresenta para todos. Somente uma escolha decidida, um consentimento não necessário e nem impossível, mas contingente, leva ambos, homens e mulheres, à posição feminina. De onde se pode desejar e consentir em ser tomado como objeto para o parceiro no encontro sexual e extrair desta posição sua cota de gozo<sup>13</sup>, ascendendo ainda a um Outro gozo mais além do fálico; gozo que, sem negar o falo, se ausenta aí como não-todo presente. Talvez desta posição advenha para o ser falante o que chamamos hombridade, força que emerge desde onde não há o que se perder.

No filme “Virgínia” vemos a decadência a que pode chegar uma comunidade que se sustenta na nostalgia suspirante do Um. O não-todo abre sempre para o Outro, para o “mais de um” fazendo corte com o Um universal, pelo qual todo homem suspira. Já o laço social na lógica do feminino constitui-se por um furo central, que se guarda da completude, abrindo o espaço da ausência real, que promove a desmontagem do saber, para dar lugar aos achados, pedaços de saber, deixados à invenção de quem puder fazer avançar os encontros. E é preciso que haja mais de um, para que a chance de achar seja maior para cada um, no exercício do entusiasmo aberto às descobertas e à diferença. Isso nos reporta à personagem de outro filme, “A Domadora de Baleias”, onde a menina, mergulhada em uma estória semelhante, conclui: “É preciso não apenas um, mas vários chefes, até porque um se cansa.” E cansar, podemos dizer, leva não só ao desânimo, mas também à tirania.

Isso seria deixar os laços um pouco mais ao sabor da contingência. Segundo Alain Badiou<sup>14</sup>, “podemos dizer que uma mulher tem sempre esta honra de não suspirar pelo Um.” É também a honra de Lacan, ele próprio nos diz ... no Pior. É então na experiência real de um despertar particular que pode nascer um sujeito no feminino, não todo, capaz de sustentar em ato a construção de seu destino, mais aberto à ventura de viver.

### **Extratos de dizeres do filme:**

(1) No momento do batismo o pai diz: “vai viver e ser um homem para acalmar São Jorge”, em contraponto, ouve-se o desejo da mãe: “Deus, faça com que ela seja feliz. Não peço o melhor nem o pior, só que ela seja pura e feliz”.

(II) A irmã lhe diz quando é surpreendida tomando banho: “Fico feliz por Deus ter me dado isso”.

<sup>3</sup> LACAN, J. Seminário *O saber do Psicanalista.*, Lição de 01 de junho de 1972. Inédito

<sup>4</sup> Sob a direção de Srdjan Karanovic e com ótima atuação de Marta Keller.

<sup>5</sup> LACAN, J. *Sem XXI, Le non-dupes errent.* Lição de 19 de março de 1974. Inédito.

<sup>6</sup> LACAN, J. *Sem. X, L'Angoisse.* p. 209.

<sup>7</sup> “A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina agora é valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero”. FREUD. A organização genital infantil, In: *Uma Interpolação na teoria da sexualidade*, p.184. Freud indica aqui uma saída para a inveja do pênis, pela qual a feminilidade liga-se à maternidade. Já Lacan vai atribuir à castração, que viriliza o homem para a mulher, despertando “(...)esse íncubo ideal que uma receptividade de abraço apertado tem que se remeter como uma sensibilidade de bainha sobre o pênis”. LACAN, Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina, In: *Escritos*, p. 733.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 739.

<sup>9</sup> “(...) poderíamos dizer que a mulher é sem tê-lo (o falo). O que pode ser vivido muito penosamente sob a forma do *Penisneid*, mas que – acrescento ao texto – é também uma grande força.” LACAN, J., *Sem VIII A transferência*, p.231.

<sup>10</sup> Segundo Freud, em sua conferência sobre a “Feminilidade” e na “Sexualidade feminina”, a descoberta da menina de que não tem pênis representa um marco decisivo no seu crescimento. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: Uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e ainda à homossexualidade, e, finalmente, a via da feminilidade normal, quando a menina toma o pai como objeto. FREUD. Conferência XXXIII – Feminilidade. In: *Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, 1976 e FREUD. *Sexualidade feminina*, 1976.

<sup>11</sup> Além de símbolo da significação fálica, aqui lembrada como letra de gozo e de desejo, que, por não se articular, ultrapassa o sujeito na medida em que só pode formular-se em ato.

<sup>12</sup> Expressão extraída de um poema de Louis Aragon, citada por Marie-Jean Sauret em conferência proferida em São Paulo, 1999.

<sup>13</sup> (...) Ver nisso justamente uma virtude do homem, a virtude justamente pela qual ele se mostra, ele se mostra no que ele tem de melhor, ser passivo” LACAN, J. *Seminário XIX ...Ou pior*, p.131.

<sup>14</sup> BADIOU, A. *Lacan – A antfilosofia e o real como ato*, 1997.

#### Referências Bibliográficas

FREUD, S. (1933/32) Feminilidade In: *Conferência XXXIII – Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise*, ESB das Obras completas psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Vol. XXII.

FREUD, S. (1931) *Sexualidade feminina*, ESB das Obras completas psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Vol. XXI.

FREUD, S. (1923) A organização genital infantil. In: *Uma Interpolação na teoria da sexualidade*, ESB das Obras completas psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1976. Vol. XIX.

LACAN, J. *Seminário X, L'Angoisse*. Seuil, Paris, 2004.

LACAN, J. *Seminário XIX ...Ou pior*, publicação não comercial, Espaço Moebius, Salvador, 2003.

LACAN, J. *Seminário XXI, Le non-dupes errent*. Lição de 19/03/74. Inédito

LACAN, J., *Seminário VIII, A transferência*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BADIOU, A. Lacan – A antfilosofia e o real como ato : Revista *Letra Freudiana, Colóquio Psicanálise e Filosofia - Sujeito e linguagem*, Rio de Janeiro, n.º 22, ano XVI, Revinter, p. 1997.

SAURET, Marie-Jean. A mulher é o futuro do homem; Argumento para conferências proferidas no Fórum do Campo Lacaniano de S.P. em 27/28 de setembro de 1999, São Paulo, Brasil.

## Adolescência e Feminilidade

Luciana Regina Prado Garcia Mariano<sup>1</sup>  
Pricila Pesqueira de Souza<sup>2</sup>

Assistindo o filme “Aos 13” é possível observar a dificuldade do adolescente em se posicionar frente à lei e também em responder o que é ser mulher. Ou como diria Sérgio André<sup>3</sup> o que quer uma<sup>4</sup> mulher. Esse filme dirigido por Catherine Hardwicke, com roteiro de Catherine Hardwicke e Nikki Reed, conta a história de Tracy (Evan Rachel Wood). Trata-se de uma adolescente inteligente e uma aluna brilhante que se torna amiga de Evie (Nikki Reed), a garota mais popular da escola. Esta a apresenta ao submundo do sexo, das drogas e da mutilação. A partir disso surge uma nova Tracy que se coloca em conflito com seus colegas, professores, e principalmente, com sua mãe Melanie (Holly Hunter). O filme tem duração de 95 minutos e contou com a brilhante participação de Holly Hunter indicada ao Oscar de atriz coadjuvante pelo papel.

Tracy é filha de pais separados. Mãe, filha e irmão vivem em uma casa sem regras ou limites, sendo que o pai se mostra distante e quase que totalmente abstraído do convívio familiar. A mãe tem um salão de beleza dentro da própria casa que é muito suja e completamente desorganizada. Isso é enfatizado pelos hábitos de higiene da mãe que são duvidosos. A mãe age de forma assistencialista repartindo a comida da casa com clientes que não têm condições financeiras e abrigando uma amiga sem teto com a filha. A mãe tenta esconder dos filhos a falta de interesse do pai em ajudá-la com os filhos e a pagar corretamente a pensão (o pai aparentemente tem ótima condição financeira e mantém outra família com todo conforto). Além disso, a mãe mantém o namorado em uma clínica de desintoxicação tornando ainda mais difícil a situação econômica da família.

Diante disso Tracy não teve na mãe uma figura com a qual pudesse se identificar como mulher. Quando Tracy se tornou amiga de Evie e mudou sua vida, tornou-se impossível para sua mãe manter o controle da situação.

Para responder à pergunta “O que é ser mulher?”, que é uma pergunta decorrente da falta de um significante que represente o ser feminino<sup>5</sup>, Tracy recorreu a uma figura popular entre os meninos da escola, a qual ela acreditava ser o modelo ideal para responder a sua questão – Tracy manteve com ela uma relação altamente erótica<sup>6</sup> observada em várias cenas durante o filme. Guiada por Evie, Tracy transformou sua vida. Passou de uma menina comportada e sem problemas aparentes a uma adolescente rebelde que se drogava, traficava e cometia furtos. Abandonou os estudos e se entregou a uma vida vazia e fútil.

Aparentemente Tracy colocou o irmão ocupando a posição da figura paterna na triangulação edípica, pois foi quando percebeu a admiração do irmão por Evie que Tracy se interessou pela moça. A partir disso, Tracy tenta desesperadamente ser notada e admirada por Evie, para isso se torna capaz de qualquer coisa inclusive de cometer pequenos delitos. Em alguns outros momentos do filme, pode-se perceber que a o modelo de identificação masculina de Tracy oscila entre a figura do irmão e a do namorado da mãe de Tracy.

Nossa hipótese é de que Tracy é histérica, pois dentre outras características observadas, ela demonstra asco em situações que deveriam provocar excitação sexual. Freud faz a seguinte proposição sobre o diagnóstico da histeria: “Tomo por histérica, qualquer pessoa que em uma situação que deveria provocar excitação sexual demonstre asco ou nojo”<sup>7</sup>.

<sup>1</sup> Graduada em Administração de Empresas e aluna do 4º ano do curso de Psicologia da UNIGRAN - [luciana@skoldourados.com.br](mailto:luciana@skoldourados.com.br)

<sup>2</sup> Aluna do 1º semestre do curso de Filosofia da Faculdade de Filosofia de São Miguel Arcanjo e aluna do 4º ano de do curso de Psicologia da UNIGRAN - [pricila\\_pesqueira@yahoo.com.br](mailto:pricila_pesqueira@yahoo.com.br)



Outro ponto importante para esse diagnóstico é a questão de Tracy com a Outra mulher.<sup>8</sup> (...) e assim que a histérica se experimenta nas homenagens dirigidas a uma outra, e o oferece a mulher, em quem ela adora seu próprio mistério, ao homem, cujo papel ela assume sem poder gozar dele. Em constante busca daquilo que é ser uma mulher...” (Escritos, 1966).<sup>9</sup> Além disso, a menina apresenta em várias cenas sintomas de anorexia que é um sintoma paradigmático da histeria<sup>10</sup>

As cenas de auto-mutilação revelam uma identificação com a mãe através do seu traço masoquista. Pois, na medida em que a mãe se fere psicologicamente mantendo um relacionamento amoroso falido que a faz sofrer, Tracy repete sua atitude através da auto-mutilação. Em algumas cenas Tracy diz a mãe a seguinte frase quando esta toma atitudes que irão lhe causar sofrimento: “Porque você faz isso consigo mesma?”

Em uma cena que ocorre na escola, Tracy se depara com outras possibilidades de se posicionar frente ao mundo, e principalmente, com o fato de que o seu ser mulher não precisava ser necessariamente, como o de Evie. Esse acontecimento marca o início da mudança na vida da personagem.

Na cena final do filme a mãe de Tracy se mostrou furiosa por conta de toda situação provocada a partir dos comportamentos da filha. No entanto foi o fato de descobrir a auto-mutilação da menina que a chocou. Com isso ela pode assumir seu papel de mãe e acalantar o sofrimento de sua filha.

O fato de Evie ter delatado Tracy e a acusado de ser culpada de todas as atitudes e comportamentos das duas, fez com que Tracy se sentisse traída pela figura da outra grande mulher da sua vida. No famoso caso da jovem histérica atendido por Freud, Dora, se pode perceber semelhante situação. A jovem também foi traída pela Outra grande mulher de sua vida, a Sra. K. Na época Freud foi incapaz de compreender a natureza da ligação homossexual que unia Dora a Sra.K. No entanto, fora a própria Sra.K. que fizera a moça ler o livro proibido (*A fisiologia do amor de Paolo Mantegazza 1831-1901*, publicado em 1872), para depois acusa-la. E fora também ela quem lhe havia falado de coisas sexuais. Em função disso pode-se concluir que Evie está para Tracy, assim como a Sra. K. está para Dora.<sup>11</sup>

<sup>3</sup> ANDRE, Serge. *O que Quer uma Mulher?* Rio de Janeiro: Zahar, 1987. Neste livro, o autor fala do enigma da feminilidade à luz dos conceitos teóricos de Freud e Lacan. André ressalta que é impossível responder o que quer a mulher, visto que não existe um conjunto fechado que a represente. Por isso, propõe uma mulher, ou seja, cada mulher deve procurar seu caminho solitário para a feminilidade. Sendo que a questão da psicanálise não é responder o que é uma mulher, mas como se torna uma mulher.

<sup>4</sup> Grifo nosso.

<sup>5</sup> MAIA, Ana Martha Wilson. *As máscaras d'A Mulher: A feminilidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Marca D'água, 1999. Segundo a autora, quando o sujeito se depara com o sexual a diferença entre os sexos não se inscreve no psiquismo, o que se inscreve é a consequência disto: o complexo de castração. Contudo, isso age como uma taping, um semblante chamado de falta, aquilo que originalmente é um furo, excluindo assim a descoberta do sexo feminino.

<sup>6</sup> Freud, Sigmund. *A Psicogênese de um caso de homossexualidade numa mulher*, ESB, vol.XVIII, Imago Ed. Ltda., RJ, 1981. O “Caso da Jovem Homossexual” é que faz com que Freud perceba que anterior à fixação paterna existia uma fixação materna, e que esta última seria bem mais forte. Sendo que uma decepção com o pai poderia fazer com que a menina retornasse ao amor da mãe. A relação da menina com o pai não faz desaparecer por completo a sua relação primeira com a mãe. Por isso a questão homossexual se torna uma questão de estrutura: há algo de naturalmente homossexual nas mulheres.

<sup>7</sup> Sigmund, Freud. *Fragments da análise de um caso de histeria: o caso Dora*. Imago Ed. Ltda, RJ, 1997, 26 p.

<sup>8</sup> A histérica denuncia a falta (a sua) como se só existisse ela com essa falta. Ela acredita que existe Outra mulher que deve saber o segredo da feminilidade. Ela irá tentar adquirir um saber sobre a feminilidade através dessa mulher.

<sup>9</sup> LACAN, Jacques. Escritos. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 937 p.

<sup>10</sup> Segundo Maria Anita Carneiro Ribeiro, em um seminário realizado em 28/05/2005, intitulado “No início... a histeria”, a anorexia seria o sintoma mais dramático da histeria, pois pode tornar-se silencioso e mortífero.

<sup>11</sup> Sigmund, Freud. *Fragments da análise de um caso de histeria: o caso Dora*. Imago Ed. Ltda, RJ, 1997, 139 p. Primeiro grande tratamento psicanalítico realizado por Sigmund Freud, a história de Dora, redigida em dezembro de 1900 e janeiro de 1901 e publicada quatro anos depois. Através desse caso, Freud procurou provar a validade de suas teses sobre a neurose histérica – e expor a natureza do tratamento psicanalítico, muito diferente da catarse e da hipnose, e já então fundamentado na interpretação do sonho e na associação livre.

## Os amanhã que cantam

Andréa Brunetto

*Existe apenas um problema filosófico realmente sério: o suicídio.*  
Albert Camus

*O ideal do eu permanece no sujeito exatamente como a pátria que o exilado  
carregaria na sola dos sapatos.*  
Jacques Lacan

*Para sempre Lilya* é um filme que se passa na Estônia, após a derrocada do regime comunista da URSS. Dirigido por Lukas Moodysson, mostra o desastre do modelo soviético. Desfilam várias personagens que se julgam o refugo, os que não conseguiram emigrar e por isso tem menos valor. As personagens vagam entre o lixo, os que ficaram para trás. Só terão valor se forem à Suécia, é só atravessar o Mar Báltico ou, melhor ainda, ir aos Estados Unidos.

Bauman, sociólogo polonês, relata que a globalização produz o lixo, primeiro o material, mas também o 'lixo humano', aquelas vidas que têm menos valor. Se o regime soviético também produziu isso é porque talvez qualquer regime totalitário, seja capitalista ou comunista, no qual a palavra verdadeira não possa circular é o desespero. O estilhaçamento do ideal de um país e de uma adolescente é disso que trata o filme.

O diretor consegue com o filme mostrar a descrença no comunismo e os limites do capitalismo. O ideal americano é colocado no lugar dos ideais estilhaçados – Mc Donald's, Britney Spears, etc – porém a personagem Lilya evidencia que o ter não resolve a queda dos ideais. Então, o tempo todo o filme oscila entre o desespero da derrocada dos ideais e a tentativa de arranjar outros, que se apóiem no ter: o capitalismo americano. A cidade é repleta de lixo, casas, prédios e bancos depredados. Lilya é uma garota de 16 anos que vive com a mãe; o pai nunca quis conhece-la, nasceu de um encontro fortuito. A mãe, agora, conheceu através de um *site* de namoro americano, um russo que tem a "felicidade" de morar nos EUA. Vai embora e deixa a filha sozinha, sem dinheiro, sem comida, em um apartamento depredado.

Lilya faz aniversário no mesmo dia que Britney Spears. Seu amigo Volodja – também um jovem abandonado, expulso de casa, que perambula pelos prédios depredados – lhe diz: se você fosse trocada na maternidade com ela, sua vida teria sido tão feliz. Lilya diz 'mas eu nasci quatro anos depois'. Evidenciando assim, desde o começo do filme, que seu tempo já está no 'tarde demais'; como todo personagem trágico, está situada entre a vida e a morte.

O ser preside o ter, é o que Lacan diz. O filme vai mostrando as tentativas da adolescente para se encontrar, saber quem é como sujeito desejante em contraponto ao peso do dinheiro. Aliás, quando ela consegue dinheiro, que lhe é dado de uma forma escusa, joga no lixo, embora estivesse com a luz cortada em casa. Em seguida, entalha no acento do banco em frente ao prédio onde mora Lilya 4 Ever. É sua forma de mostrar que o simbólico permanece, que na palavra o ser tem um sentido. Porém, o número quatro também significa o 'tarde demais'.

Lilya não consegue falar, não tem quem a escute – a mãe, a professora, o juizado de menores, o amigo que se suicidou quando ela foi à Suécia, a amiga que a traiu, a tia que não quer saber dela. Há uma cena em que o desinteresse da professora por ela é bem marcante. Freud afirma que a escola secundária devia dar aos alunos desejo de viver, "oferecer amparo e apoio em uma época da vida em que as condições de seu desenvolvimento os compelem a afrouxar seus vínculos com a casa dos pais e com a família".

Ludibriada em nome do amor, Lilya é vendida como prostituta para viver em outro país, a Suécia. Lá, prisioneira em um apartamento bem melhor, olhando pela janela, é tudo igual, poderia inclusive ser os arredores de sua cidade depredada.

E, além disso, agora está em um lugar onde não entendem seu idioma. Ela, na Suécia, em sua vida de prisioneira prostituída, não encontra um homem sequer que queira falar com ela, escutar seu drama. Pelo contrário, eles lhe dizem “sem palavras”. A essência da palavra é a mediação com o outro. Lacan sustenta que “um elemento essencial da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele”. Há nesse momento um problema a mais para Lilya: é uma exilada, que fala uma língua que os outros não entendem.

Quando foge, corre pelas ruas e em cima de um viaduto, em um último momento refaz mentalmente duas cenas: ter dito não ao belo jovem que, dizendo-se apaixonado, a enviou à Suécia: seu emprego é uma fraude, eu não vou. A outra cena é de quando ela desceu a escada correndo, já com as malas para ir embora, e não ajudou uma idosa cujas laranjas tinham se espalhado pelo chão. Ela refaz a cena, para e ajuda. Nestas duas cenas há um esboço de um luto, uma tentativa de criar uma resposta para o desejo do Outro. Porém isso não se sustenta, ela desiste de apelar ao Outro e se dá à morte.

Faz uma passagem ao ato, se jogando do viaduto. Lilya se objetaliza no real. Dizendo em termos freudianos, o sujeito só pode se matar se puder tratar a si mesmo como um objeto. O que realmente fez com que Lilya se matasse? Podemos pressupor por todos os problemas já descritos. No Caso da Jovem Homossexual, Freud alega que sua tentativa de suicídio congregava dois motivos: autopunição e a realização do desejo de ter um filho. Mas, só sabemos disso porque ela sobreviveu, seu ato não teve êxito e ela pode significá-lo em uma análise. Lacan, em *Televisão* afirma que o suicídio é o único ato sem falhas. “Se ninguém nada sabe sobre ele é porque ele procede do *partipris* de nada saber”.

Sabemos que o suicídio está menos ligado às situações econômicas, e mesmo psicopatológicas do que se imaginava. Em *O demônio do meio-dia*, Solomon, em um levantamento estatístico, mostra que a cada 17 minutos alguém comete suicídio nos Estados Unidos; é a terceira maior causa de morte de americanos abaixo de 21 anos. A segunda causa entre universitários. E não tem nenhuma correlação estatística com a depressão. Então, o problema do suicídio não é menor nos Estados Unidos do que na Estônia.

A lógica que justifica o título deste trabalho é de que o ideal caminha de braço dado com a morte. Em resposta a uma pergunta de seu entrevistador em *Televisão*, Lacan responde que é a esperança, “os amanhã que cantam”, que leva ao suicídio.

É uma referência a autobiografia de Gabriel Peri, publicada em 1947, seis anos após sua morte. Peri é um jovem francês de Toulouse, que muito cedo entra no movimento sindicalista e no partido comunista. Entra na clandestinidade e em 1941 é preso pela polícia e entregue aos nazistas. Recusa-se a assinar uma declaração de que cometeu atos terroristas. É assassinado juntamente com outros comunistas do movimento de resistência ao nazismo. Suas palavras finais são as seguintes: “Que os meus amigos saibam que eu permaneci fiel ao ideal de toda a minha vida; que os meus compatriotas [saibam] que eu vou morrer para que a França viva. Fiz pela última vez o meu exame de consciência: é muito positivo. É isso que eu gostaria que repetissem à vossa volta. Seguiria o mesmo caminho se tivesse de recomeçar a minha vida. Esta noite pensei muitas vezes no que dizia com tanta razão o meu caro Paul Vaillant-Couturier, que o comunismo era a juventude do mundo e que preparava os amanhã que cantam. Vou preparar, daqui a pouco, os amanhã que cantam”.

Peri não se mata, é assassinado. Mas morre com entusiasmo pela força do ideal. Se Lacan o cita para falar do suicídio é para sustentar que a loucura dos ideais, dos amores desesperados, levam ao suicídio mais do que qualquer outra coisa. No Seminário 1 Lacan vai afirmar que o amor-

paixão é uma catástrofe psicológica. E também que “estamos bem entendidos que o amor é um suicídio”. O que ele faz é retomar o conceito freudiano de narcisismo. O eu produz suas ilusões e esse imaginário é mortal. “De prata e ouro é a ilusão do ser falante, que na imagem se reconhece e se aliena”, afirma Ribeiro.

Enfim, o filme é sobre o desespero de um país, de uma adolescente e exilada. E termino com uma frase de Edward Said, que como ninguém descreveu o desespero do exilado: quem encarna a condição do exilado não responde à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção.

#### Bibliografia

- BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. RJ: JZEditor, 2005.  
FREUD, S. *Breves Escritos*. Obras Completas, Vol. XI. RJ: Imago, 1976.  
LACAN, J. *Televisão*. RJ: JZEditor, 1993.  
LACAN, J. *Seminário 1: os escritos técnicos de Freud*. RJ: JZEditor, 1991.  
SOLOMON, A. *O demônio do meio-dia*. RJ: Ed. Objetiva, 2002.  
RIBEIRO, M. A. C. *Sobre o narcisismo: algumas pontuações*. In: o imaginário na clínica das neuroses. Niterói, 1994.  
ROUDINESCO, E. & DERRIDA, J. *De que amanhã....* RJ: JZEditor, 2004.  
SAID, E. *Representações do intelectual*. SP: Cia das Letras, 2003.

## Freud e a atualidade de suas idéias

Maringela Bazbuz

Freud completaria em 6 de maio de 2006, 150 anos e neste momento crescem os debates a respeito da Psicanálise.

Desde o seu nascimento, a Psicanálise sempre fora um campo fértil para calorosas discussões, ora em defesa de seus conceitos, ampliação do conhecimento, resultados clínicos e também por vezes alvo de profundas críticas.

Hoje a psicanálise está solidamente implantada em grande parte do mundo e, contrariamente ao que se tentou mostrar recentemente em matéria sobre a “morte da psicanálise”, ela está muito viva, produzindo uma infinidade de frutos e colhendo resultados.

O próprio Freud prevera o impacto de suas idéias, mas poderíamos nos perguntar ainda hoje: Porque tantas críticas? O que incomoda tanto?

A psicanálise nasce em descompasso com o saber constituído na época. Com a descoberta do inconsciente, Freud subverte a idéia de um indivíduo movido pela razão, por uma consciência de si, passível de ser educado, para nos apresentar um sujeito mais difícil de ser traduzido, que traz consigo uma realidade de fatos psíquicos não acessíveis à nossa observação direta ou à percepção consciente. Deixamos de ser, de certa forma, senhores de nossos atos para sermos movidos por algo fora de nosso controle, ou seja, por desejos inconscientes para além de nossas intenções.

Esta descoberta por si só, não seria o bastante para criar pelo menos incômodo naqueles que idealizam uma vida previsível, um tratamento preventivo, a cura para os descaminhos ou uma vida feliz?

Com sua teoria, Freud arruinou com nossos sonhos de encontrar o “país das maravilhas”, uma verdade absoluta, um indivíduo totalmente decifrável, mas com a psicanálise nos deixou o fascinante trabalho de buscar decifrar de modo particular, na história de cada sujeito, os mistérios da “alma” humana.

A psicanálise, sendo um tratamento pela fala, encontra seu campo no modo particular de dizer de cada sujeito e a história deste sujeito não aparece em linha reta, se constrói com desvios, pouco coincidindo com a realidade material. A realidade psíquica se constitui para cada sujeito de forma única, a partir de cadeias significantes, de encontros e desencontros inevitáveis, com seus amores e dores.

O sujeito do inconsciente não está onde parece estar, ele surge nas entrelinhas do seu dizer, no lapso, no ato-falho, e é esta convicção que fundamenta o trabalho do psicanalista. O sujeito fala, e mais do que possa supor, exprime algo da verdade de seu desejo, também por vezes, cala-se diante de algo que não pode saber. O psicanalista trabalha para que o sujeito consiga construir e escrever a sua própria história.

Por que Freud e a psicanálise são tão atuais?

Podemos apostar que por mais que a ciência contribua com seus recursos de alta tecnologia para progressos da medicina e áreas afins, para a descoberta de medicamentos que amenizem as dores do corpo, ou mesmo encontre cura para doenças até hoje incuráveis, será infrutífero tentar traduzir completamente os mistérios do adoeecer.

Até quando a psicanálise sobreviverá?

Enquanto existir “ser humano” pois sempre será impossível curar a dor de sermos humanos



## O fim da psicanálise?

Milena Maia Duarte<sup>1</sup>

Achei que precisava escrever sobre o assunto, já que ele vem me perseguindo há algum tempo!

Vou enumerar os fatos que me fizeram tomar essa decisão.

A maioria das revistas científicas voltadas para a psicologia que tenho tido acesso nestes últimos meses falam sobre o possível fim da psicanálise, havia uma que me chamou mais a atenção quando dizia: “acredito que a psicanálise contemporânea está trabalhando em um contexto similar a um navio que colidiu com um iceberg e está rapidamente enchendo de água”. (Psique. Ciência e vida. Mar/06. Editora Escala.).

Em uma outra revista aparece a seguinte afirmação: “psicanálise nem psicologia é”, o que será que essa pessoa entende por psicologia?

Se formos na origem da palavra psicologia teremos como resposta o estudo da alma, ou seja, a ciência que se propõe a estudar o comportamento humano e seus processos psíquicos, como se pode dizer então que psicanálise nem psicologia é?

Não bastasse esse artigo, comentário em revistas, um colega que cursa psicologia manifestou o desejo de estudar mais profundamente a psicanálise em âmbito acadêmico, foi duramente repreendido com o argumento que já existem muitos psicanalistas.

Outro acontecimento foi num site relacionado à psicologia onde fazem a propaganda de um livro chamado “Porque Freud errou” e ao final fazem o seguinte comentário: “psicanalistas leiam antes de clinicar”, não sei qual o teor do livro, mas pelo nome posso deduzir que não fala nada bem de Freud.

Para encerrar os acontecimentos assisti a um filme chamado Geração Prozac, onde a personagem principal vive uma trama familiar e existencial e é levada a uma psiquiatra, que no filme não faz menção, mas compreendo que seja uma psiquiatra analítica; na primeira sessão a personagem diz a ela para não vir com idéias de Freud e repete alguns conceitos psicanalíticos. Mais uma vez queria se deixar subentendido que a psicanálise está “falida”, para um leigo o remédio a salvou; sabemos que não, e fazendo uma análise do filme nas palavras finais da personagem ele a ajudou a se tornar forte e capaz de enfrentar seus problemas. O que a salvou realmente foi conseguir uma melhor compreensão de seu eu, de suas relações parentais, mas isso é assunto para um outro texto.

O que quero mostrar com tudo isso é que muita gente está voltada para ver o fim da psicanálise.

Mas será que isso vai acontecer?

Psicanalistas, ou interessados na psicanálise como eu, dirão que não, existem conjecturas a esse respeito, probabilidades, especulações, mas isso não irá ocorrer. Pergunto a vocês: os consultórios analíticos estão vazios?

Não sou contra outras linhas da psicologia, mas às vezes me pergunto por que tantos terapeutas comportamentais, cognitivos, gestaltistas, ou demais linhas, buscam a psicanálise para responder suas questões? Ou apenas para falar mal dela? As outras teorias não me incomodam, pelo contrário, enriquecem meus conhecimentos. Mas o inverso não é válido, a psicanálise incomoda

---

<sup>1</sup> Psicóloga Clínica em Dourados, professora de sala de recurso para alunos de ensino fundamental e médio portadores de deficiências mentais, pela Secretaria Estadual de Educação, pós graduanda em psicopedagogia.  
E-mail: milena.duarte@bol.com.br

muito a outras teorias.

Aquele tempo em que falar de sexualidade era um escândalo já passou, e conceitos psicanalíticos não geram tanto espanto assim, nas bancas de revistas qualquer um pode comprar uma coleção chamada Conceitos da Psicanálise – Viver mente e cérebro.

Agora que a psicanálise não carrega mais um caráter de tanta segregação, onde uns poucos têm acesso a ela, resolveram a enxovalhar como se fosse um pecado capital acreditar em suas teorias.

Com tudo isso a frase de Freud quando vem a América faz-se valer ainda hoje: “mal sabem eles que trazemos a peste”.

O homem hoje tem esquecido de encontrar suas respostas a partir de si mesmo, a proposta da psicanálise em buscar em seu eu, em seus sonhos, em seu inconsciente as respostas para seus conflitos internos, atormenta e desestabiliza aqueles que funcionam a partir da premissa do capitalismo, onde tudo funciona com muita rapidez, com “pílulas mágicas” ou “receitas prontas”, que são mais fáceis que desvendar seus temores do que a partir da psicanálise.

Mas será que a culpa está apenas na sociedade capitalista que impõe um consumo desenfreado de modismo e uma correria insuportável diária?

A psicanálise vive intensamente dentro de cada discussão, na escola, na empresa, no hospital, nos consultórios e até mesmo nos laboratórios, isso a torna viva, e mostra o quanto o sujeito ainda precisa – quer - ser dono do seu próprio eu. A psicanálise traz consigo um sofrimento inevitável, já que para a descoberta de suas repressões e desejos mais íntimos é preciso entrar em contato com memórias esquecidas, situações passadas dolorosas, traumas infantis e outras dores mais que fazemos questão de deixar “adormecida” em nosso dia a dia, mas se não for dessa forma como podemos repetir, recordar e elaborar. A elaboração requer consciência, e isso é que causa tanto medo em alguns, mas como seria possível passar toda a vida em estado de “esquecimento”?

Seja qual for o preconceito em relação à psicanálise, o homem é dono de seus desejos, ele apenas pode aquietar suas aflições da mente, ele é senhor do desvendar de seus mistérios interiores.

E eu continuo a acreditar na teoria sexual descrita por Freud, tão fálico como dizem alguns, ou nas interpretações tão pouco aceitas de Melanie Klein, e outras teorias, mas que em meu consultório só tem surtido efeitos positivos, e é maravilhoso ouvir meu paciente dizer que sua vida tem mudado, que tudo está se encaixando melhor.

E até acho bom que falem da psicanálise, ou como diria na revista que mencionei no início: “pelo visto a crise continua. E provavelmente por isso, a psicanálise está mais viva do que nunca”.

Agora me digam vocês, psicanalistas ou adeptos, o que acham do assunto, qual a opinião de vocês sobre o tema?guardo ansiosa por reflexões iguais ou diferentes das que manifestei.

## O que Lacan dizia das mulheres

SOLER, Colette.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

Por Pricila Pesqueira de Souza

Colette Soler é diplomada em psicopatologia pela Universidade de Paris V e doutorada em psicologia pela Universidade de Paris VII. Atualmente exerce e leciona psicanálise na capital francesa no quadro das Formações Clínicas do Campo Lacaniano. É a idealizadora e membro fundadora da Internacional dos Fóruns e da Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. Das suas obras publicadas, apenas os livros “A Psicanálise na Civilização” (1998) e “O que Lacan dizia das mulheres” (2003) encontram-se traduzidos para o português.

O livro pretende trazer à luz a obra de Lacan no que concerne ao tema da mulher e nesta perspectiva diferenciar histeria e feminilidade bem como a incidência social de ambas. Evidencia também os limites com que se deparou Freud e as novidades que Lacan introduziu a partir da produção de seu mestre.

A autora começa por abordar os textos do pai da psicanálise ressaltando a importância da sua descoberta de que as pulsões são parciais e por isso não podem determinar a atração entre os sexos. Diante deste fato, para explicar como se origina o par sexual, Freud recorre ao Mito de Édipo. Mito este que, segundo Colette Soler, cria o homem, mas não a mulher.

Discordando da saída para feminilidade que Freud propõe ao colocar o filho como substituto do desejo de pênis, a autora aponta de forma esclarecedora os ensinamentos de Lacan a este respeito. Deparamo-nos então com a preposição lacaniana de que o que diferencia o homem e a mulher são as modalidades de gozo, ou seja, não há como escapar da castração, mas há duas maneiras de se inscrever na lógica fálica: estar todo submetido ou não toda submetida a ela. Enquanto que para Freud ser mulher é ser mulher de um homem, para Lacan existem outras possibilidades. No entanto jamais as mulheres se libertarão da referência fálica.

Outra colocação importante defendida pela autora é a diferenciação entre histeria e feminilidade, o que não significa que as duas não possam estar presentes em um mesmo sujeito. Com precisão ela esclarece a dependência da primeira da fantasia, isto é, a necessidade que a histérica apresenta de tamponar a falta com objetos fálcos. Já a mulher é aquela que trai todos os objetos que visam encobrir a falta em prol do abismo, do absoluto, pois seu objetivo é aniquilar a falta e não tamponá-la.

A referência à mulher - mãe e seu significado na constituição dos sujeitos é outro assunto ressaltado no livro. A obra se propõe a fazer uma análise das mudanças ocorridas na estrutura familiar e desde a época de Lacan e quais são conseqüências disso na subjetividade dos sujeitos hoje.

Na época da justiça distributiva, em que a mulher tem acesso a todo tipo de gozo fálico que outrora lhe era proibido, Colette Soler, se valendo de sua experiência clínica, aponta para o desajuste e para a insatisfação das mulheres que ainda persiste. A partir disso, a autora conclui, embasada nos ensinamentos de Lacan, que a maioria das mulheres não se contenta com o ter fálico se voltando também para a esfera do ser, ser o significante da falta, o que ao outro falta. Então, segundo a teoria lacaniana, a falta é o que possibilita o amor, é o que funda o par sexual.

O livro discorre também, em seu último capítulo, sobre a análise em mulheres e do porque de elas serem mais facilmente atraídas para o laço transferencial do que os “defensores do UM”. Seguindo esta linha de raciocínio, esclarece as diferenças nas falas de ambos dentro do set analítico ressaltando, no entanto, a dependência de ambos da referência fálica, seja em termos de tê-lo ou de sê-lo.

Colette Soler trata de assuntos complexos de forma explicativa e esclarecedora, motivando o leitor a “ir às fontes”, ou seja, a aprofundar os estudos nas obras de Freud e Lacan. Por conta disso, a presente obra se faz título obrigatório tanto para aqueles que desejam aprofundar seus estudos no tema feminilidade, como para aqueles que buscam um primeiro contato com a obra de Lacan.

## O Mal Oscuro

BERTO, Giuseppe.

Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Editora 34, 2005.

Por Juliana Monteiro

Giuseppe Berto foi contemporâneo e também dissidente do movimento neo-realista que mobilizou a cultura italiana nos anos de 1940.

Com o fracasso do neo-realismo, o autor atingira a liberdade literária para escolher os temas e as narrativas que lhe agradasse, surgindo então, *O mal obscuro*, um romance nada convencional e a história de um tratamento psicanalítico.

O livro é um relato biográfico da doença do autor, que inaugurou um modo de escrever inovador, subvertendo pontuações e com pensamentos que se ligam à maneira das associações livres, mas com o cuidado obsessivo de manter a ordem, a lógica e a clareza das idéias. Numa narrativa trágica e ao mesmo tempo cômica, o autor consegue atrair a atenção do leitor para cada detalhe de seus sofrimentos e peripécias.

Como romance, *O mal obscuro* relata a história de um escritor de província que se muda para Roma sonhando em escrever uma obra-prima que pudesse levá-lo à glória, mas que termina vivendo à custa de tímidos roteiros de cinema e entre os cafés da cidade, cheio de inveja daqueles que alcançaram sucesso.

Sob o aforismo subvertido do autor '*sofro, logo existo*', *O mal obscuro* como não-romance, é uma descrição pormenorizada de uma neurose obsessiva, ou como prefere Berto, de uma neurose de angústia que irrompe após a morte do pai, causada por um câncer intestinal.

Passado toda a turbulência que envolvera a morte do pai: as lembranças da infância, o horror diante de sua estadia na província de origem, as despesas, as dívidas do hospital da qual se responsabilizava, as intrigas das irmãs e, sobretudo, um complexo relacionamento amoroso que mantinha na ocasião com uma viúva francesa que o acompanhara. O autor-personagem retorna a Roma e em pouco tempo se encontra implicado com toda a ambivalência de seus sentimentos, de seus remorsos, medos e ódio, atribuído à sensação de estar agora sob o olhar ameaçador de um pai vingativo que opera como morto.

Decidido a levar sua vida adiante e conquistar a tão almejada glória, Giuseppe se separa da viúva francesa e dedica-se ao trabalho, a fim de provar ao pai (morto) que não acabaria como ele, um velho aposentado como Marechal dos Carabineiros, tendo que vender chapéus para sustentar a família. E mais ainda, queria se livrar dos presságios do pai que dizia que o filho acabaria na prisão.

Na realidade, iniciara-se uma saga incessante do personagem, que acaba assumindo uma posição de escravo de produtores de cinema, envolto a um medo de escrever e a diversos males físicos subseqüentes, fazendo do sujeito um compêndio de psicopatologia ambulante.

Entre melhoras e recaídas, o doente-escrevente também havia conhecido uma 'garotinha' de muito menos idade que ele, da qual podia demonstrar toda sua potência sexual que tanto se orgulhava e ao mesmo tempo lhe cobria de culpas. Não obstante, a doença do personagem aninhava-se ao ódio pelo pai, às fantasias sobre o tema da morte, com as funções sexuais, a culpa, os pensamentos obsedantes em relação ao câncer, a obscuridade de suas doenças, a ânsia de encontrar Deus e a ambição pela glória.

Mesmo com todos os problemas de ordem gastro-intestinais e renais, tantas radiografias, crises, choros, internações, remédios, erros médicos, acupunturas, injeções de morfina, tratamentos homeopáticos, curandeiros, gastos e cálculos que atormentavam o personagem, a ponto de

fazer dele um morto vivo. Seja como for, o autor se casa com sua 'garotinha' e tem uma filha. Deslocado, claudicante, em dúvida entre a bigamia e a fidelidade, às voltas do que é ser um pai e sem conseguir concluir os capítulos de sua obra, continua a trabalhar como pode, estando cada vez mais doente.

A morte se configurava então, como uma de suas companheiras inseparáveis e o personagem se via à beira da loucura, quando finalmente, decide recorrer à psicanálise, que lança luz sobre a verdade do sujeito, ao seu romance familiar e a voz de um supereu rígido e implacável.

A princípio, Berto não acreditava na psicanálise, mas sob transferência com o analista, o autor passou a tratar-se de forma assídua, e gradativamente, foi se desvinculando de suas crises mais medonhas e libertando-se da ignorância de sua dor de existir. O autor percebeu então, que o mal obscuro, a falta, o rochedo intransponível da castração, aquilo que se leva dentro de si por toda uma vida, continua sem remédio e é inerente ao sujeito, trata-se do incurável do ser.

É, pois, no dia em que recebe alta de seu analista, que Giuseppe se depara com uma nova crise – descobre que sua esposa o trai há três anos. Apesar de ser um golpe contra sua potência fálica, a dor permanece sendo dor, não se transforma em angústia, sendo prova da melhora de sua neurose desencadeada.

Ainda assim, o personagem não consegue lidar com a traição e decide abandonar o lar, retirando-se para um lugar solitário, rejeitando a família e a sociedade, mas sempre com seus pensamentos voltados para o pai e ao final acaba se identificando com ele nas atitudes, características físicas e na aceitação da morte.

Giuseppe Berto reconhece que permanecia com uma lista interminável de fobias, mas se dizia aliviado por ter se libertado do mal que mais temia, seu medo de escrever. O livro *O mal obscuro* é fruto de um desejo do autor em não parar de escrever, já que o mesmo concordara que o narrar é doloroso, mas que o silêncio poderia ser pior. Finalmente, poder escrever e ter alguns amigos era o que lhe bastava.

*O mal obscuro* é um livro que merece ser lido. Apesar de narrar uma seqüência de sofrimentos, ele não é um romance nem um pouco tedioso, pelo contrário, prende o leitor pela via de um humor contínuo, que não poderia faltar na escrita de um neurótico obsessivo tão clássico como Giuseppe Berto.

## ▪ SEMINÁRIOS DE PSICANÁLISE

Dando prosseguimento aos Seminários ministrados por Maria Anita Carneiro Ribeiro, comunicamos que o 1º Encontro deste ano será dia 22/04, com seqüências de uma vez por mês, sempre aos sábados, das 9h30 as 12h00 e das 14h30 as 17h00. Este evento é uma realização do Ágora Instituto Lacaniano e acontecerá a Rua 15 de Novembro, nº 2200. Informações: 3321-0449 (Leta).

Organização: Inês Serenza e Ihana Fernandes

## ▪ SARAU CULTURAL

A palavra *sarau* deriva do latim e é relativo ao anoitecer. É uma reunião festiva, noturna, de finalidade literária, para ouvir música, conversar e dançar. Através do Sarau, é possível analisar e apreciar obras literárias, músicas, e filmes.

No caso dos filmes, são vistos vários aspectos como a compreensão do papel dos personagens, os temas abordados, a dinâmica do roteiro e até mesmo os sentidos de cada enquadramento e tipo de sentimento provocado no espectador por uma seqüência de imagens.

O Instituto Ágora está realizando o *Sarau Cultural*. Um encontro com o objetivo de estabelecer um diálogo sobre questões da atualidade, reunindo psicanalistas, estudantes, filósofos, cinéfilos, escritores, artistas, curiosos e interessados, a fim de enriquecer a discussão, o debate, a troca de idéias. A proposta para o 1º semestre de 2006 é a apresentação e discussão sobre filmes.

A primeira sessão comentada de vídeo foi dia 25 de março com o filme "Beleza Americana" (1999), direção de Sam Mendes, origem Estados Unidos. O qual aponta a demagogia e impostura de uma cultura conhecida por seu lado dominante e poderoso. A discussão sobre o filme foi encantadora, com profissionais de várias áreas, todos puderam contribuir de acordo com os diferentes contextos do filme com explicações valiosas.

### A programação prevista para os seguintes meses desse semestre são:

- 29/04/06 Mãe é mãe (1996) Direção: *Albert Brooks*; Origem: EUA.
- 27/05/06 O Jardineiro Fiel (2005) Direção: *Fernando Meirelles*; Origem: EUA/ ING.
- 24/06/06 Dogville (2003) Direção: *Lars Von Trier*; Origem: EUA / Suíça.
- 08/07/06 Vinícius (2005) Direção: *Miguel Faria Jr.* Origem: Brasil.

Para nosso próximo encontro, contamos com a presença de curiosos e apaixonados.

Organização: Marilene Kovalski, Fabiane Messias e Giovana Guzzo

## ▪ SEMINÁRIOS DE PSICANÁLISE EM DOURADOS/MS

### AS SEXUALIDADES E O INCONSCIENTE

Ministrados por Andréa Brunetto

*A pesquisa sobre as formas de manifestação da sexualidade, desde os primórdios da psicanálise,*



*passando pelo ensino de Lacan e por suas manifestações na contemporaneidade, é a proposta do Campo Lacaniano para este ano. Este é o tema do encontro internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, que realizar-se-á em julho em Paris. É este tema que também proponho para estudo aqui em Dourados.*

- 29/04 – O gozo feminino: o que Lacan dizia das mulheres
- 13/05 – Como o amor faz suplência ao impossível da relação sexual
- 27/05 – Homossexualidade
- 03/06 – transsexualismo: o empuxo ao gozo feminino
- 17/06 – A identidade viril em questão

Local: Auditório do Residence Hotel – Rua Wamilton Finamore, 920  
Horário: 10 as 12hs. aos sábados

## ▪ GRUPO DE ESTUDOS

### O EU NA TEORIA DE FREUD E NA TÉCNICA DA PSICANÁLISE SEMINÁRIO 2

*A noção de eu, pergunta Lacan, em seu ensino dos anos de 1954 e 55 que integram o Seminário 2, foi elaborada há séculos pelos filósofos, mas o que Freud introduziu de radicalmente novo em sua concepção de eu? Nesse seminário, Lacan trata da teoria de Freud sobre o eu, o inconsciente, a repetição, a pulsão. "O inconsciente escapa totalmente a este círculo no qual o homem se reconhece como um eu".*

*Assim, o eixo da teoria freudiana está fundado no descentramento desse homem que ex-siste para além do eu, que, ao contrário do cogito de Descartes, é onde não pensa. E é por isso que Lacan trabalha tanto nesse seminário o sujeito trágico por excelência: Édipo. "Será que é no momento que não sou nada que me torno um homem?"*

Local: Rua Alagoas, 196 – Jd. dos Estados – Campo Grande/MS  
Horário: 20 as 21:30 – toda segunda-feira até novembro de 2006  
Mensalidade: Profissional R\$ 60,00 / Estudante R\$ 30,00  
Informações: (67) 3326-9617 e 9981-0666  
brunetto@terra.com.br

O Ágora Instituto Lacaniano está com uma rede de debates/diálogos no yahoogrupos. A moderadora da rede é Fabiane Messias. Quem quiser se inscrever para receber e/ou enviar as divulgações de eventos, debates é só escrever pedindo a ela: psicofabiane@uol.com.br

▪ **VI FÓRUM DA AFCL - V ENCONTRO DA EPFCL- BRASIL**

**GOZO: MODALIDADES E PARADOXOS**

11 a 14 de outubro - Belo Horizonte.  
 Conferencista: Patrick Valas  
 Informações no site [www.campolacaniano.com.br](http://www.campolacaniano.com.br)

**VIII Jornadas de Formações Clínicas do Campo Lacaniano Rio de Janeiro**

**“O QUE POSSO SABER?”**

Data: de 01 a 03 de dezembro de 2006  
 Convidado Internacional: Sidi Askofaré  
 Local: Hotel Novo Mundo  
 Praia do Flamengo, 20 - Flamengo/RJ  
 Coordenação: Rosane Melo e Maria Anita Carneiro Ribeiro

Informações: Sede de FCCL Rio  
 Rua Goethe, 66 - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22281-020.  
 Tel. 2286-9225 - Fax 2537-1786.  
[www.fcclrio.org.br](http://www.fcclrio.org.br)  
[secretaria@fcclrio.org.br](mailto:secretaria@fcclrio.org.br)

▪ **QUARTO ENCONTRO DA INTERNACIONAL DO CAMPO LACANIANO E DA ESCOLA DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO**

**As Realidades Sexuais e o Inconsciente**

1 e 2 de julho 2006 em Paris,  
 Palais des Congrès - Porte Maillot

**As Realidades Sexuais e o Inconsciente**

Ainda!

Será que tudo já não foi dito sobre a sexualidade e sua importância na vida do ser humano? Será que não lhe teria sido reconhecido desde sempre um lugar central pelo fato de estar longe de se limitar à função de reprodução?

Quem pode ainda hoje ignorar que um vienense nascido em 1856, inventor da psicanálise, tenha estendido seu império até o inconsciente, incluindo o infantil e o não genital?

Que ele tenha, na verdade, afirmado em sua obra de 1929, O mal-estar na civilização, que algo lhe parecia irremediavelmente barrado no acesso a uma satisfação sexual plena e inteira, é menos conhecido, ou melhor, expulsado por remeter-se às coordenadas sociais de sua época, necessariamente repressoras.

W. Reich com sua *Função do orgasmo* publicado em 1927, A. Kinsley com seu Relatório de 1948, S. de Beauvoir com o *Segundo Sexo* de 1949, a literatura com a redescoberta de Sade, Bataille, o desenvolvimento das revistas e do cinema, teriam contribuído para uma abordagem enfim desculpabilizada, até mesmo lúdica, do sexo.

Por que então nos anos 70, em plena revolução sexual, um psicanalista parisiense proferia no seu Seminário que a mulher não existe e que não há relação sexual?

Será que se tratava, em forma de slogan destinado a chocar, de uma pura e simples retomada da elaboração freudiana sobre a prevalência do falo na identificação sexuada, tanto quanto na relação com o parceiro, e isso qualquer que seja o sexo?

Esses propósitos não constituem de forma alguma uma refutação de Freud. Mas não se limitam a repeti-lo: com essas fórmulas, Lacan resumia anos de elaborações sobre a primeira relação do sujeito falante com seu objeto: um objeto primordial e perdido, sem representação, mas no âmago da relação do sujeito com seu corpo e com o corpo do outro; uma relação aparelhada por essa linguagem que está ao mesmo tempo no início dessa "desnaturação" do animal humano.

Nem instinto sexual, nem instinto puro e simples para o "falaser", mas funções corporais assumidas de imediato na relação com o Outro, com tudo o que esta tem de sobredeterminado, de constrangido, de repetitivo, enfim, de inconsciente.

Como todas as outras funções do corpo, a sexualidade não pode assim em caso algum, se limitar a uma função fisiológica, nem mesmo à satisfação de uma necessidade.

Nem mesmo o prazer está necessariamente presente no encontro, como o demonstram fartamente todos os disfuncionamentos da sexualidade para os dois sexos.

Isso já é muito conhecido: um desejo apaixonado pode desembocar num fiasco, uma satisfação, tórrida na clandestinidade, pode se apagar quando oficializada, apesar de sua reivindicação, à eficiência garantida do órgão pela ajuda farmacológica pode se seguir um desinteresse simultâneo pela coisa... Temos inúmeros exemplos para demonstrar que "o campo fechado da sexualidade" é chamado a dar sinal de outra coisa.

Porém, como isso não é suficiente para distinguir a sexualidade das outras funções corporais em jogo, deve-se precisar o que a especifica: a colocação em função de um órgão que é o do gozo e cuja posse ou ausência divide os sexos. O regime do inconsciente é o do falo, qualquer que seja o sexo do sujeito.

Após tudo o que Freud disse, Lacan desenvolve a oposição entre o real da diferença dos sexos e o fato de que nada no inconsciente permite ao sujeito se reconhecer como homem ou como mulher. Esse reconhecimento é, com efeito, uma questão de identificação, na qual a cultura e até mesmo a moda têm um lugar essencial. A isso ele acrescenta uma impossibilidade para inscrever o real do Outro sexo, dito feminino, que, no entanto, é inseparável de um gozo específico. Não há, pois, relação sexual, os homens e as mulheres não são complementares e seu encontro não produz um. É nesse ponto que Lacan se distingue da teoria freudiana do eros como unificante.

A relação sexual constitui, assim, o lugar privilegiado onde a questão do Um, que superaria a castração, se coloca com mais agudeza, mas não é certamente o lugar de sua resposta; é antes do fracasso dessa resposta.

A aspiração ao Um, efeito da castração que dele separa irremediavelmente o sujeito, é o destino de qualquer "falaser" qualquer que seja sua estrutura clínica, neurose, psicose e perversão.

Será então necessário questionar o elo entre essas estruturas e as modalidades de funcionamento dessa aspiração na organização das realidades sexuais de cada um.

Igualmente, se a forma que assumem essas realidades é função do que o discurso propõe como modelo, devemos nos interrogar sobre os efeitos das mudanças do discurso de nossa época sobre o sexo, quer se trate de liberação, banalização, generalização, ou de "mercantilização."

Será que a realidade sexual, que se tornou parte integrante do "direito ao gozo" - fator obrigatório do bem-estar, objeto de consumo com seus serviços de controle de qualidade, seus mediadores e suas associações de defesas das minorias - constituiria ainda o viés pelo qual o sujeito coloca a questão de seu ser, ou então

a evolução contemporânea dos discursos sobre as práticas sexuais participada do abafamento dessa questão? Inversamente, será que a psicanálise, com a transferência, pode ainda se dizer "posta em ato da realidade sexual do inconsciente", quando o discurso do consumismo sexual pretende anular essa realidade, a castração? Com certeza, mas seguramente não como antes.

Mas ainda nos cabe precisar como e a que preço Marc Strauss

## Formulário de Inscrição

Sobrenome \_\_\_\_\_

Nome \_\_\_\_\_

Endereço \_\_\_\_\_

Correio postal \_\_\_\_\_

Cidade \_\_\_\_\_

País \_\_\_\_\_

Telefone \_\_\_\_\_

Correio eletrônico \_\_\_\_\_

### ▪ TAXA DE INSCRIÇÃO:

€180,00 euros: inscrição individual

€80,00 euros: para os estudante e inscritos no Colégio Clínico (c/ comprovante)

### ▪ ENVIAR O CERTIFICADO DE INSCRIÇÃO PARA A:

EPFCL RVI

118 rue d'Assas - 75006 Paris/França

### ▪ COMISSÃO CIENTÍFICA INTERNACIONAL

*Jacques Adam*

*Viviana Bordenave*

*Annalisa Davanzo*

*Gladys Mattalia*

*Gloria Patricia Pelàez*

*Silmia Sobreira*

*Colette Soler*

*Marc Strauss*

*Francisco Estévez Torres*

### ▪ COMISSÃO CIENTÍFICA NACIONAL

*Jean-Pierre Drapier*

*Mireille Scemama Erdos*

*Martine Menès*

*Roger Merian*

*Marc Strauss*

*Patricia Zarowsky*

### ▪ TRADUÇÕES SIMULTÂNEAS EM INGLÊS, ESPANHOL FRANCÊS E PORTUGUÊS.

IF - EPFCL

118 rue d'Assas - 75006 - Paris/França

01 56 24 22 56

[www.champ-lacanien.net](http://www.champ-lacanien.net)

[epfcl.secretariat@wanadoo.fr](mailto:epfcl.secretariat@wanadoo.fr)

